REA, nº 99, agosto de 2009, Ano IX, ISSN 1519-6186

Um ataque em revista: quem salva a educação brasileira?

Zacarias Marinho*

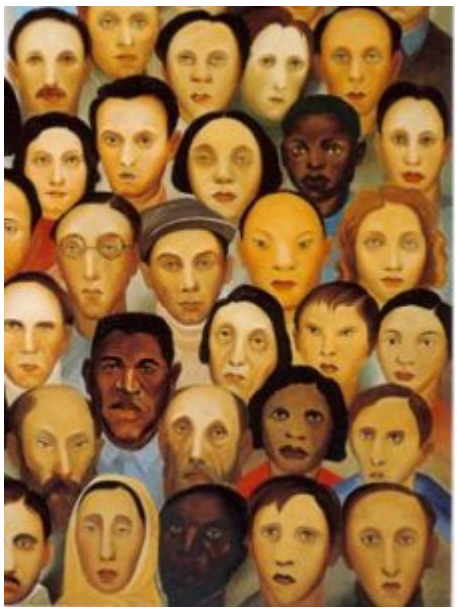
Resumo:

O presente artigo tem por objetivo contribuir com a discussão sobre os ataques sistemáticos que vem sendo desferido, pelos meios de comunicação de massa, especialmente pela revista veja, contra os cursos de formação de professores/as e os teóricos da educação. Busca também colocar tal discussão no campo da disputa político-ideológica, fazendo o questionamento das intenções que estão por trás desses ataques presentes na grande imprensa.

Palavras-chave: formação de professores/as; meios de comunicação de massa; ideologia.

Abstract: This article have the intention to contribute with the discussion about the systematics attacks that the broadcastings are doing, especially the Veja Magazine, against the courses of teachers formation and the educations theorics. Intend also put the discussion in the area of politic-ideological dispute, doing the question about the intensions that are behind of this attacks of the broadcastings.

Keywords: teachers formation; broadcastings; ideology.



Na última metade de 2008 assistimos uma preocupação, no mínimo suspeita, por parte dos meios de comunicação de massa com a qualidade da Educação Brasileira. Essa suposta preocupação é apresentada, especialmente, em relação aos Cursos de Pedagogia e, como conseqüência, ao ensino proferido por professores e professoras da Educação Básica, formados por esses cursos. Em nome de um auto-conhecimento do que seja ensinar e daquilo que se deve ensinar, alguns jornalistas e/ou colunistas dos meios de comunicação de massa, jornais e revistas de circulação nacional no Brasil, desferiram ataques contínuos e sistemáticos às Instituições de Ensino Superior responsáveis pela formação docente e às Faculdades de Educação, o que implica também em ataques aos profissionais dessas instituições, além de atacarem os teóricos da Educação, os quais são chamados pejorativamente, por alguns desses supostos críticos, de *gurus*.

Em nome de defenderem o que entendem ser o melhor para a Educação Escolar, descrevem como receituário o que devem fazer os cursos de formação docente para a solução dos problemas da Educação, numa prescrição simplista ao processo Ensino-Aprendizagem. Supomos, portanto, fossem seguidas tais instruções, de última hora, em

* Professor do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

sala de aula, não teríamos os problemas de aprendizagem e de ensino, haja vista apontarem com maestria o caminho das pedras da Educação Brasileira.

Tais manifestações nos meios de comunicação de massa, algumas vezes rancorosas e subsidiadas pelo populismo midiático, presente em seus protagonistas, faz-se também supostamente de forma neutra e em nome da *pax* social que não se constitui em realidade, mas indica um *vir-a-ser* para a sociedade em curto prazo, bastando para isso se retirar as barreiras ainda postas pelos resquícios da moribunda luta de classes e ideologias caducas em que insistem os adeptos dos *gurus* da Educação, seguidores ingênuos de produções que não ensinam a ensinar.

Não é de se estranhar que para se limpar o caminho se deva cortar o mal pela raiz. Daí termos assistidos o ataque desferido ao *guru*, mestre de todos, Paulo Freire; ataque ao reduto da *formação inconseqüente*, as Faculdades de Educação e ao permanente responsável pelas ideologias inócuas e protetor dos maus exemplos, o Movimento Sindical. Está resolvido o problema da Educação: queimem o que disseram os *gurus*, prescrevam o que deve ser feito nas Faculdades de Educação e acabem com os Sindicatos. Encontrando-se, assim, os culpados, basta condená-los, já que não temos outros problemas na Educação Brasileira.

De um modo geral, as respostas vieram de imediato. De sindicatos como o dos bancários do Rio Grande do Norte, a estudiosos do fenômeno da educação, como os professores Paulo Ghiraldeli Junior e Ivonaldo Leite.

Paulo Freire é atacado de forma veemente e desrespeitosa em matéria da revista veja, em sua edição de 20 de agosto de 2008. Na matéria "O que estão ensinando a ele?" as jornalistas Mônica Weinberg e Camila Pereira usam e abusam de comparações inconseqüentes e de farpas também ideológicas contra Paulo Freire. Estas, supondo entenderem de educação, ferem a memória cultural e política de milhares de educadores e educadoras da América Latina e do Mundo, sobretudo os educadores/as brasileiros/as que têm orgulho de terem Paulo Freire como compatriota. Suas comparações vão de Che Guevara a Einstein, o que nos leva a acreditar, haja vista a incongruência dos campos em que atuaram esses personagens, que o ataque tem um único sentido: a maledicência ideológica que a matéria quer supor não ter.

Já Cláudio de Moura Castro, em sua coluna da revista veja, de 22 de outubro de 2008, ataca as Faculdades de Educação, as quais para ele são as culpadas pelos professores e professoras não saberem ensinar regra de três na escola e também não adotarem manuais de consultas para as necessidades desses professores/as. De acordo com Castro, a culpa é dos *gurus* da educação, *vivos e defuntos*, que influenciam essas Faculdades e condenam os manuais.

Com a desenvoltura da linguagem jornalística e o respaldo de uma revista de expressão nacional, seu texto é portador de um erro primário que, seja este proposital ou não, poderá levar muita gente boa a uma incompreensão do fenômeno em tela, pois busca apenas na aparência a explicação do problema, negligenciando a sua essência, a qual constitui a parte mais complexa de sua totalidade. Abstendo-se de contextualizar seu ataque, Castro pode obter concordância de muitos leitores/as, assim como relata que obteve do auditório de professores e professoras, quando disse o que muitos gostariam de ouvir. Mas, as pessoas que o aplaudiram nesse auditório são as mesmas que ele afirma não saberem ensinar. Saberiam essas pessoas diferenciar aparência e essência no

fenômeno educativo, já que as Faculdades de Educação não os capacita para o magistério? Castro também cai em contradição quando afirma:

> Um educador deveria ter também um livro que pudesse consultar quando quisesse saber como ensinar regra de três. Só que há resistência a livros tão específicos. Para nossos gurus, é errado explicitar como se ensinam tais detalhes, embora haja ampla pesquisa mostrando que isso dá bons resultados.

Em seguida vem a contradição: "A receita é simples, precisamos de livros detalhados, em mãos de professores que aprenderam a usá-los e a dar aula". (id. ibid). Ora! se os professores/as aprenderam a dar aula, por que dependerem dos livros tão detalhados? Ou uma coisa ou outra: ou não aprenderam, como sugere Castro, ou não precisam tanto assim desses livros-receitas. Além disso, o colunista abusa da hipérbole, para conquistar adeptos e, quem sabe, também se tornar um guru: *Assim se faz no mundo inteiro*.

Mais recentemente, esta postura ganhou ares de maior legitimidade, visto que a revista veja (edição de 26/11/08) desta vez foi buscar a autoridade científica maior, a fim de confirmar o que seus jornalistas/colunistas afirmaram anteriormente. Trata-se da palavra da antropóloga Eunice Durham, que com a mesma veemência, mudando apenas a linguagem da euforia jornalística para a do invólucro acadêmico, ataca os cursos de pedagogia e o movimento sindical, ressaltando como pecado capital o não-atendimento ao mercado.

Não podemos negar os aspectos de realidade encontrados na entrevista da professora Eunice, os quais não são novidades para quem acompanha com verdadeira preocupação as questões educacionais em nosso país. Mas, também, não é tão difícil assim detectarmos o que está por trás de suas afirmações e as debilidades de sua argumentação. Sobre isso, o professor Ivonaldo Leite, da UFPE, fez a seguinte observação:

> ... é possível realçar três debilidades analíticas no discurso que afirma ser o curso de pedagogia 'uma fábrica de maus professores': 1ª) apanha no mesmo nível questões que têm estatutos teóricos diferentes; 2ª) ignora as reconfigurações educativas contemporâneas; 3ª) passa do plano lógico-empírico para o ideológico. (J C 04 de dezembro de 2008)

É bom lembrar que a professora Durham fez parte do governo FHC, contribuindo exatamente com a área da Educação, mas não me consta que os programas de governo, para esta área, tenham avançado naquilo que ela agora critica de forma tão objetiva. Caso tenha feito isso antes, não surtiu efeito algum. Por que haveria de surtir agora? Será então que Durham veio perceber problemas tão claros, existentes há tempos em nossas escolas, só recentemente? Ou, só resolveu explora-los agora?

A respeito desta entrevista, o professor Paulo Ghiraldeli assim se reporta:

> Eunice Durham diz que os cursos de pedagogia estão voltados para "muita teoria", ou seja, para o que as faculdades chamam de "fundamentos da educação" – história, filosofia, sociologia etc. –, e ela acerta em um ponto: mostra de fato que tal coisa não pode funcionar. Caso ocorresse, não funcionaria, pois os cursos são rápidos demais para que exista possibilidade de se cumprir os objetivos grandiosos que se espera deles, ao menos no papel (e Eunice acreditou demais no que estava no papel, nas diretrizes desses cursos).

Nesse conjunto de ataques percebemos vozes diversas, e é bom que assim seja, pois a diversidade de opiniões é requisito básico para a democracia. No entanto, a parcialidade

dessas opiniões também deve ser mostrada, assim como fizeram os estudiosos aqui citados. Pois, os grandes meios de comunicação têm uma grande inserção nas diferentes camadas da população e costumam apresentar, de forma intencional, somente uma versão como verdadeira, em detrimentos de outras versões do mesmo fenômeno.

Ao contrário, devemos buscar outras versões para possibilitarmos o contraponto com a primeira e, assim, termos condições de avaliarmos melhor qualquer questão em debate, procurando conhecer seus protagonistas, o lugar de onde falam e o contexto mais geral em que se insere tal questão. Além disso, não posso deixar de concordar com a afirmação de um velho amigo, de que "o enfrentamento dos problemas da educação brasileira depende (e muito) dos que faz o seu dia a dia: professores, estudantes, entidades representativas, não podendo ela ficar limitada a opiniões de quem não vivencia o cotidiano escolar".

É importante, portanto, que nós educadores e educadoras ultrapassemos o senso comum, superando a primeira impressão (ou expressão), não podendo ser esta a que fica. Se calarmos diante de ataques sobre uma questão que nos diz respeito tão diretamente, estaremos legitimando não somente o que aqui foi descrito, mas toda uma gama de intervenções, inapropriadas, sobre outros temas em debate no atual contexto da nossa sociedade, os quais podem parecer, à primeira vista, que não nos interessam ou que quem se pronuncia sobre eles, faça isso de modo desinteressado, tais como sobre a questão da terra e a questão da violência, para citarmos apenas duas entre tantas outras questões.

Com este procedimento, contribuiremos somente para a legitimação dos meios de comunicação de massa em sua suposta neutralidade. Omitindo-nos da crítica, por um lado e, por outro, naturalizando o papel da mídia, fugiremos à nossa responsabilidade e colocaremos em risco a formação dos nossos alunos/as, os quais nos foram confiados pela sociedade.

Nessa perspectiva, não queremos negar os problemas existentes em nossa Educação e, especialmente, nos cursos de formação de professores/as, mas afirmar que nossas preocupações se diferenciam das pronunciadas pela revista veja, uma vez que esta, ou outros meios de comunicação de massa, tem preocupações que se esgotam na aparência e as colocam sob o manto da assepsia ideológica. Os meios de comunicação de massa não colocam em evidência, por exemplo, que o Brasil tem um dos menores investimentos em Educação, que os profissionais da educação têm um dos menores salários entre aqueles/as que têm curso superior no país e que as políticas governamentais estão para a realidade, assim como a ficção está para a ciência.

Por fim, podemos dizer que os problemas da Educação Brasileira, tão antigos e tão presentes, são consequências relacionadas à vulnerabilidade estrutural desta, diante das demandas político-sociais não só da conjuntura atual (mas ao longo de nossa história), para a qual as respostas não se sustentam no plano ideal, mas no enfrentamento do problema diagnosticado em sua totalidade e não somente em sua expressão mais visível, pois esta constitui apenas a ponta do iceberg da questão em pauta.

Referências

CASTRO, Cláudio de Moura. Os professores e a regra três. In: **Revista Veja**, ed. 2083. Ano 41, n. 42, 22 out. 2008. Disponível em http://veja.abril.com.br/221008/p_024.shtml Acesso em 05/11/08.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. Para além da esquerda e da direita na formação de professores. Disponível em http://ghiraldelli.wordpress.com/. Acesso em 28/12/2008.

LEITE, Ivonaldo. Em defesa dos cursos de pedagogia. In: **Jornal da Ciência**. n. 3655, 04, dez. 2008. Disponível em http://www.jornaldaciencia.org.br/. Acesso em 15/12/2008.

WEINBERG, Mônica. PEREIRA, Camila. Você sabe o que estão ensinando a ele? In: **Revista Veja**. ed. 2074. Ano 41, n. 33, 20 ago. 2008. (especial/educação). Disponível em http://veja.abril.com.br/200808/p_072.shtml. Acesso em 28/12/2008.

_____. Fábrica de maus professores. In: **Revista Veja.** ed. 2088. Ano 41, n. 47, 26, nov. 2008. Disponível em http://veja.abril.com.br/261108/entrevista.shtml. acesso em 28/12/08.